

# Nota sobre o Argumento da Escolha Criteriosa

por João Branquinho

1. Uma teoria do *sentido* (conteúdo, valor semântico) de nomes próprios pode ser vista como uma proposta específica de preenchimento do espaço em branco situado à direita do seguinte género de esquema de identidade (em que **NN** é um nome próprio pertencente a uma linguagem natural **I** e **f** é um falante competente de **I**):

O sentido de um uso de **NN** por **f** num contexto **c** é \_\_\_\_\_

2. Uma teoria da *referência* para nomes próprios pode ser vista como uma proposta específica de preenchimento dos espaços em branco situados à direita dos seguintes géneros de esquemas explicativos (em que o bicondicional é apropriadamente interpretado no sentido de uma explicação):

Um uso de **NN** por **f** num contexto **c** refere-se a um objecto **x** *porque* (em virtude de) \_\_\_**x** \_\_\_

Um uso de **NN** por **f** num contexto **c** refere-se a um objecto **x** *se, e somente se,* \_\_\_**x** \_\_\_

3. A teoria descritivista clássica do *sentido* de nomes próprios pode ser vista como a seguinte proposta específica de completar o esquema em 1. (a letra **j** é substituível por um predicado, simples ou complexo):

O sentido de um uso de **NN** por **f** num contexto **c** é o sentido de uma definida singular (em uso atributivo) **O j** tal que **f** associa **O j** a **NN** em **c**.

4. A teoria descritivista clássica da *referência* de nomes próprios é um corolário da teoria descritivista clássica do sentido para nomes próprios tomada em conjunção com a seguinte tese, a qual é um caso especial do princípio geral segundo o qual o sentido determina a referência:

O sentido de uma descrição definida singular (em uso atributivo) **O j** num contexto **c** determina da seguinte maneira um objecto como sendo a denotação de **O j** em **c**: **O j** denota um objecto **x** em **c** se, e só se, **x** e só **x** satisfaz em **c** o predicado **j**.

Assim, a teoria descritivista clássica do sentido de nomes é também uma teoria da referência de nomes, a qual pode ser representada como consistindo nas seguintes propostas específicas de completar os esquemas em 2:

Um uso de **NN** por **f** num contexto **c** refere-se a um objecto **x** *porque* **x** é o objecto denotado por uma descrição definida singular (em uso atributivo) **O j** tal que **f** associa **O j** a **NN** em **c**.

Um uso de **NN** por **f** num contexto **c** refere-se a um objecto **x** *se, e somente se,* **x** é o objecto denotado por uma descrição definida singular (em uso atributivo) **O j** tal que **f** associa **O j** a **NN** em **c**.

5. O argumento da Escolha Criteriosa contra a teoria descritivista clássica do sentido de nomes pode ser delineado do seguinte modo:

- (a) Primeiro, para muitas substituições de nomes no lugar de **NN**, muitos falantes associam, não uma, mas uma pluralidade de descrições definidas. Por exemplo, um falante apropriado poderá associar, com o nome ‘Mário Soares’, não apenas descrições como ‘O fundador do PSP’ e ‘O Presidente da República Portuguesa em 1994’, mas também descrições como ‘O meu vizinho’ e ‘O político português que o Joaquim mais detesta’.
- (b) Segundo, a teoria clássica exige que se proceda, nestes casos, a uma escolha: de entre todas essas descrições, é necessário escolher uma que seja adequada para dar o sentido do nome no idiolecto do falante (e logo para determinar a sua referência).
- (c) Terceiro, coloca-se naturalmente a questão de saber que género de princípio ou critério é que se deve adoptar para proceder a uma tal selecção.
- (d) Finalmente, argumenta-se que um tal critério parece ser extremamente difícil de encontrar. Logo, a teoria descritivista clássica nem sequer está em posição de poder ser posta de pé.

6. É possível introduzir pelo menos dois tipos de réplica ao argumento da escolha criteriosa:

- (i) A primeira réplica consiste em argumentar que a dificuldade é apenas aparente, que é afinal possível isolar um princípio adequado para a escolha da descrição apropriada; obviamente, tal princípio tem de ter uma aplicabilidade geral, tem de ser empregue para todos os falantes e para todos os nomes.
- (ii) A segunda réplica consiste simplesmente em rejeitar a premissa crucial do argumento da escolha criteriosa, a ideia de que, do ponto de vista da teoria descritivista clássica, uma escolha tem de ser executada nos casos em que há diversas descrições

disponíveis.

7. Há duas maneiras naturais de desenvolver a réplica (i).

Uma é na direcção *individualista*, por assim dizer. Ela consiste em fazer a saliência da descrição ser determinada por factos individuais acerca do falante. A proposta é, aproximadamente, a de escolher, de entre todas as descrições associadas pelo falante com o nome, aquela descrição que desempenha o papel mais importante de todas na vida cognitiva e mental do falante. Uma maneira possível de implementar a proposta seria a de extrair essa descrição a partir de informação acerca da propensão do falante para aceitar imediatamente certas frases que contêm o nome e certas descrições como verdadeiras, ou para reconhecer de imediato como válidas certas inferências executadas a partir de ou para frases desse género. Em suma, a descrição apropriada seria a descrição cuja associação com o nome seria a mais forte da perspectiva “interna” do falante, com a força a ser medida da maneira acabada de sugerir. Assim, por exemplo, no caso do meu uso presente de ‘Aristóteles’, provavelmente a descrição seleccionada para dar o sentido do nome no meu idiolecto seria, à luz daquele critério, algo como ‘O inventor da teoria lógica do silogismo’.

Mas há duas objecções centrais a esta proposta. Em primeiro lugar, pelo menos em alguns casos, é de presumir que existam diversas descrições igualmente salientes do ponto de vista da vida cognitiva e mental do falante, por exemplo um par de descrições entre as quais não haja de todo qualquer diferença assinalável em força associativa; nesse caso, a proposta individualista não poderia sequer ser posta de pé. Em segundo lugar, mesmo nos casos em que a selecção pudesse ser aparentemente executada, ela teria algumas consequências contra-intuitivas; por exemplo, se a descrição escolhida para dar o sentido de ‘Aristóteles’ no meu idiolecto for a indicada, então uma inferência como ‘Aristóteles gostava de cães. Logo, alguém inventou uma teoria lógica’ seria válida, o que (no mínimo) parece um pouco estranho.

8. A outra maneira de desenvolver a réplica (i) é na direcção *social*, por assim dizer. Ela consiste em fazer a saliência da descrição ser determinada por factos sociais acerca da comunidade linguística do falante. A proposta é, aproximadamente, a de escolher, de entre todas as descrições associadas pelo falante com o nome, aquela descrição que desempenha o papel mais importante de todas na vida social do falante, na sua interacção com outros utilizadores competentes do nome. Uma maneira possível de implementar a proposta seria a de extrair essa descrição a partir de informação acerca das crenças que o falante tem acerca de crenças dos outros falantes que sejam especificáveis através do nome. Interessaria aqui saber o que é que ele ou ela acreditam acerca das disposições dos outros falantes para aceitar imediatamente como verdadeiras certas frases que contêm o nome e certas descrições, ou para reconhecer de imediato como válidas certas inferências executadas a partir de ou para frases desse género. Em suma, a descrição apropriada seria a descrição cuja associação com o nome seria a mais forte do ponto de vista da sua saliência social tal como representável pelo falante. Assim, por exemplo, no caso do meu uso presente de ‘Aristóteles’, provavelmente a descrição seleccionada para dar o sentido do nome no meu idiolecto seria, à luz daquele critério, algo como ‘O filósofo grego que escreveu a Metafísica e a Ética Nicomaqueia’

Todavia, a primeira das objecções erguidas contra o critério individualista, submetida a ajustamentos apropriados, pode ser aplicada ao critério social: pode igualmente haver casos em que mais do que uma descrição é socialmente saliente. A essa objecção junta-se a seguinte. O critério social pode ser plausível com respeito a nomes próprios de figuras públicas: celebridades, personagens históricos, políticos famosos, etc. Mas é de difícil aplicação a muitos nomes por nós usados no quotidiano: nomes de amigos, de filósofos menores, de conhecimentos ocasionais, de advogados falhados, etc.

9. Quanto à réplica (ii), a ideia subjacente é a de que não é preciso de todo escolher; e se não é preciso escolher, também não é preciso ter um critério de escolha. Mas afinal como é que não é preciso escolher? A resposta é a de que é possível, para cada utilizador competente **f** de um nome **NN**, arranjar uma única descrição tal que **f** associe essa descrição com **NN** e ela dê o sentido do nome **NN** no idiolecto de **f**. Basta construir uma descrição, na maioria dos casos bastante complexa, que simplesmente incorpore toda a informação que **f** tenha disponível acerca do portador do nome **NN**. Nessa descrição estarão assim incluídos, não apenas predicados social ou individualisticamente salientes, mas também predicados social ou individualmente muito pouco ou nada salientes. Por exemplo, a descrição complexa da qual o nome ‘Aristóteles’ seria uma abreviatura no meu idiolecto poderia ser algo como ‘O filósofo grego estagirita, mestre de Alexandre Magno, inventor do silogismo, favorito do meu amigo Manuel, detestado pelo meu inimigo Joaquim,...’. Esta proposta tem a vantagem de bloquear a objecção de uma possível igualdade de saliência. Mas o holismo acerca do significado que é nela assumido, a ideia de que todo e qualquer predicado associado pelo falante com o nome é **definidor** do nome, é fatal à proposta. Basta reparar que, supondo que o predicado ‘favorito do meu amigo Manuel’ é feito entrar na descrição complexa total que eu associo com ‘Aristóteles’, uma consequência lógica de uma frase como ‘Aristóteles era um génio’ seria (no meu idiolecto) a frase ‘Eu tenho amigos’ (ou algo do género).

ãJoão Branquinho 2000